

ARTES E NATUREZAS
UMA BREVE DISCUSSÃO A PARTIR DO CONCEITO DE SINGULARIDADE¹

ARTS AND NATURE
A BRIEF DISCUSSION FROM THE CONCEPT OF UNIQUE

Ariane Alves dos Santos²

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão epistemológica do conceito de natureza a partir da análise das obras de dois artistas visuais: Anish Kapoor e Nils Udo. O objetivo é mapear os usos e deslocamentos que a arte promove nas noções estabilizadas de natureza, gerando novas formas de vínculo. Os principais conceitos norteadores da análise são de singularidade, proposto pelo filósofo Gilbert Simondon, e de díade, desenvolvido por Peter Sloterdijk. Nesse sentido, ao analisar as obras de Nils Udo e Anish Kapoor à luz dessas teorias, depreende-se que as artes visuais e performativas contemporâneas contribuem para gerar diferentes definições do que a natureza seja ou do que possa vir a ser.

Palavras-chave: Artes visuais. Imagem. Natureza. Singularidade.

Abstract

This work proposes an epistemological reflection of the concept of nature based on the analysis of the works of two visual artists: Anish Kapoor and Nils Udo. The objective is to map the uses and displacements that art promotes in the stabilized notions of nature, generating new forms of bonding. The main guiding concepts of the analysis are of singularity, proposed by the philosopher Gilbert Simondon, and of dyad, developed by Peter Sloterdijk. In this sense, when analyzing the works of Nils Udo and Anish Kapoor in the light of these theories, it is deduced that the arts visual and performative features contribute to generate different definitions of what nature is or may become.

Keywords: Visual arts. . Image. Nature. Unique.

Tendo em vista as relações entre arte e natureza, este texto pretende explorar uma pergunta central: se o corpo é uma mídia, como diferentes regimes de percepção alteram o sentido parcial e global de nossas concepções de natureza?

Para o entendimento do conceito de natureza, torna-se importante repensar a sua própria construção. As filosofias que consideram os agentes de modo processual abrem um

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Ambientes Visuais, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018. (todas as notas devem utilizar fonte TNR corpo 10, espaço simples)

²Doutoranda, PUC-SP. E-mail: arianepsikhe@gmail.com

campo de investigação bastante frutífero que implica na atualização constante da rede conceitual que será trabalhada nesse texto. O primeiro ponto a frisar é a necessidade de superar os esquemas dicotômicos, principalmente o par natureza/cultura, passando a pensar não mais numa chave substancialista, e sim nos fenômenos em sua imanência. Essa mudança de paradigma implica na passagem de uma base fundada na identidade para uma noção de processualidade. Há uma ampla bibliografia sobre o assunto, no entanto, devido ao caráter breve desse artigo, o recorte escolhido contemplará dois pensadores importantes para a desestabilização das filosofias substancialistas e do sujeito: Gilbert Simondon e Peter Sloterdijk.

Outro aspecto importante para refletirmos é a relação entre continuidade e descontinuidade. Afinal, caso os dados da percepção sejam descontínuos, como seria possível operar o salto dos seres percebidos e contingentes em direção à universalidade e à continuidade das leis? Caso a percepção obedeça a um continuum causal, qual seria essa lei que rege o universo? Como explicar os processos de diferenciação dos seres e a metamorfose infinita da vida? Como singularizar cada evento e cada ser? Uma percepção essencialmente descontínua impossibilitaria estabilizar os agentes e os seres da natureza. Uma percepção essencialmente contínua impossibilitaria a concepção da autonomia ontológica de cada ser, de cada evento e de cada ser percebido. Em última instância, se a ausência de uma continuidade causal da percepção tornaria mesmo impossível definir uma totalidade a que possamos chamar *a* natureza ou *o* humano, a determinação de uma causalidade demandaria a demonstração e a explicitação de leis inequívocas para a natureza, o que é outro desafio praticamente impossível.

Diante do desafio que tais questões lançam, algumas experiências da arte e das teorias têm radicalizado as relações entre corpo e ambiente. Essas experiências e teorias procuram justamente explicitar os processos corporais de percepção, demarcando essas relações de continuidade e descontinuidade perceptiva dos seres. Para se analisar essa pluralidade de modos de atualização da natureza, podemos pontuar as diversas interações existentes entre as artes, o ambiente e a percepção. Desse modo, é possível produzir novos significados a partir dessas relações e conceber o corpo como um sistema complexo, não apartado do ambiente, e sim fazendo parte dele, pois não pode ser compreendido sem pensarmos na sua relação com o

meio-circundante³. O corpo, nesse caso, é entendido como uma sistema em que corpo cultural e corpo biológico não estão em oposição, pois a natureza não é entendida como oposta à cultura. Trata-se, portanto, de processos coevolutivos.

Em síntese, a unidade do conceito de natureza nunca consegue eliminar completamente o aspecto processual, descontínuo e residual da percepção. Isso ocorre porque a descontinuidade é um dos fundamentos de toda percepção. Podemos, nesse sentido, analisar as relações entre natureza e percepção, problematizadas a partir dos conceitos de singularidade. Em outras palavras, temos o intuito de demonstrar como a arte altera as relações de continuidade e de descontinuidade de nossas percepções do corpo e da natureza. Por conseguinte, como ela produz redefinições dos signos presentes nos processos de significação.

I. Artes e Naturezas

A arte promove deslocamentos nas noções estabilizadas de natureza. Nesse sentido, as artes visuais e performativas contemporâneas estariam contribuindo para gerar definições do que a natureza seja ou do que ela possa vir a ser, ou seja, criando novas naturezas por meio do estabelecimento de relações inesperadas entre os seres.

Imagina-se, no senso comum, que a natureza seja sempre aquilo que subsiste e perdura no fundo das transformações e dos processos vivos. É necessário, portanto, enfatizar a existência de uma pluralidade de mundos e naturezas, ou seja, de ontologias⁴. Quando analisamos as artes em suas diferentes linguagens, percebemos a necessidade de demarcar uma forma plural do conceito de natureza. Essas diferentes obras, poéticas e artísticas estariam contribuindo para conferir novas significações a esse conceito ao não partirem de uma noção de natureza substancialista, universal e preexistente.

Desse modo, as artes seriam poderosos agentes de construção dos diversos sentidos de natureza, ou seja, agentes capazes de declinar *as* naturezas, no plural. Além disso, seriam forças produtoras de processos de singularização, de modos diversos de concebermos e nos relacionarmos com o corpo/natureza.

Até o século XIX, a cultura era entendida como interferência humana no mundo que era natural. No entanto, os animais alteram o ambiente conforme as suas necessidades de

³ Conceito desenvolvido por Jakob Von Uexküll.

⁴ Conceito amplamente abordado por Eduardo Viveiros de Castro.

sobrevivência e de continuidade. Com isso, rompe-se a noção de que a cultura é estritamente uma produção humana. A questão que envolve a divisão entre natureza e cultura é inadequada, pois os organismos e animais produzem alterações e reconfiguram o espaço. Ademais, se a natureza humana é posta em questão em relação à natureza não-humana, isso nos conduz a um questionamento sobre as interferências possíveis no que até então se pressupunha como especificidade humana e, conseqüentemente, sobre a possibilidade de produzir um “além do humano”. Somos outros humanos com a introdução da tecnologia, pois é possível empreender transformações nos corpos e nos hábitos cognitivos

A vida, portanto, deve ser entendida como a contínua exploração e experimentação com as formas de atividade corporal que os seres vivos são capazes de empreender. E isso implica a afirmação da singularidade que emerge dessa mesma vida. Desse modo, é possível pensar em uma abordagem que propõe uma superação de alguns dualismos tais como corpo/mente, natureza/cultura, humano/não-humano.

II. Singularidade e processos de individuação: Nils Udo e Gilbert Simondon

Como já foi mencionado nesse texto, as noções de singularidade e processo são bastante importantes para pensarmos o conceito de natureza para além do binarismo natureza/cultura.

Gilbert Simondon (1924-1989), filósofo francês, aponta para duas possibilidades de abordagem a respeito da realidade do ser: uma via substancialista e monista, na qual ele é tratado como uma unidade constituída em uma identidade pronta, alicerçado em si mesmo; e uma via hilemórfica e bipolar, ou seja, assentada no encontro entre uma matéria e uma forma. O que há em comum entre essas duas abordagens? O entendimento de que há um indivíduo constituído, dado a priori, e cuja tarefa é buscarmos a sua condição de existência, a sua gênese ou, como Simondon demarca, trata-se de uma “perspectiva de investigação que atribui um privilégio ontológico ao indivíduo constituído” (SIMONDON, 2003, p.98), passível de ser explicado em si mesmo a partir da sua constituição.

Na contracorrente desse pensamento, Simondon entende que o processo de individuação traz não a ideia de indivíduo, e sim a relação indivíduo-meio. Essa vinculação torna o indivíduo relativo, pois não resulta no estado do ser sintetizado em uma unidade e nem como um princípio para individuar-se. Desse modo, o processo de individuação pode ser considerado uma resolução parcial dentro de um sistema complexo onde forças tensivas estão

presentes, colocando o ser sempre em devir. Ao considerar o devir como um aspecto do ser, ocorre o que o autor nomeia como *defasagem*. Nesse processo, o ser resolve-se através de uma defasagem em relação a si próprio, ou seja, traça o devir não como “um quadro no qual o ser existe; ele é dimensão do ser, modo de resolução de uma incompatibilidade inicial, rica em potenciais” (*Idem* p.101).

Em uma das passagens de seu texto *A gênese do indivíduo*, Simondon reafirma que tudo aquilo que tenha origem da relação pode ser considerado um indivíduo, e ao utilizar esse termo refere-se desde o humano até aos átomos e partículas. Isso porque um átomo desenvolve-se em um sistema metaestável, ou seja, ele constitui-se na relação com outros átomos, mas sempre está em devir em decorrência de suas possíveis recombinações. Nesse sentido, não se justifica a busca de uma origem anterior ao próprio processo de individuação, pois assim recairíamos novamente em um estrutura fechada em si mesma vinculada a uma unidade. Com isso, é possível afirmar que os termos unidade e identidade não se aplicam, tornando-se mais adequado pensar em sistemas tensivos e entendendo a ontogênese como devir do ser.

As propostas de Nils Udo (Alemanha 1937 -) apresentam muita proximidade com os aspectos relacionais e processuais da teoria da singularidade de Simondon. O artista iniciou o seu trabalho como pintor em 1955 e desde 1972 passou a dedicar-se à composição de obras com materiais encontrados no meio onde estava inserido, reorganizando-os, em seguida, em um determinado ambiente, muitas vezes o mesmo onde essas matérias-primas foram coletadas. Após feita a alteração do ambiente, essas composições são fotografadas. Esse procedimento é o modo encontrado para documentar as obras, visto que elas apresentam um caráter transitório. Em *Milles Narcisses* (fig.1), estamos diante dessa materialidade efêmera: uma série de flores foram agrupadas em um círculo e transposta para a água. Ela flutua, entre ondas de tamanhos variados. A imprevisibilidade do tempo pode desintegrar a obra ou modificar a sua forma paulatinamente. A interação, nesse caso, ocorre tanto por quem observa quanto pelos demais elementos do meio circundante, transformando a forma e o sentido da composição. Trata-se, portanto, de uma criação entre a instalação e o processo fotográfico, mas que o artista explica de um modo singular: o trabalho se propõe a criar dentro da natureza e com ela, utilizando somente os materiais encontrados no próprio lugar. A natureza

é exibida como a própria obra de arte, por isso não há a introdução de materiais definidos pelo artista como “artefactos pré-fabricados”, considerados como meros elementos decorativos.⁵

No início de sua trajetória artística, Udo dedicou-se à pintura e seu processo de criação ocorria em um ateliê. No entanto, após empreender algumas viagens por diversas regiões da Europa e perceber o quanto o meio ambiente estava sofrendo com a devastação, seu olhar sobre a criação artística passou por uma mudança radical. Naquele momento, não fazia mais sentido a separação entre arte, natureza e vida. O artista percebeu-se implicado nessa relação, como ele bem pontua:

Onde está a linha divisória fundamental entre a natureza e a arte? Isso não me interessa. O que importa para mim são minhas ações. . . fundir vida e arte em si. Arte não me interessa. Minha vida me interessa, minha reação a eventos que moldam a minha existência.(...) Como uma parte da natureza, eu vivia e trabalhava dia após dia em seu ritmo, pelas suas condições. Vida e obra tornou-se uma unidade. (UDO, Nils)

Figura 1: Nils Udo, *Milles Narcises*



Fonte: Galerie Pierre-Alain Challier, Paris

Nas obras de Nils Udo assim como na sua postura como artista, é possível perceber uma relação importante com o meio. Essa relação torna tanto a obra como o indivíduo relativos, sempre em defasagem dentro de um sistema metaestável, conforme pontuado por Simondon. A individuação, portanto, é um processo metaestável porque ela está no âmbito da processualidade, não da coisa dada em si. Algo estável é diferente de algo pronto, uma vez que sugere uma noção de equilíbrio provisório, não de estaticidade. Ao pensar a partir da

⁵ Essas proposições de Nils Udo estão disponíveis no site: <http://www.penapointofview.com/pt/nils-udo/>

individuação fundada na processualidade, torna-se importante observar a operação, e não mais um possível resultado final, uma vez que aqui não há uma visão apriorística e constitutiva de um indivíduo. Esse pensamento, conseqüentemente, afirma a noção da vida como um constante processo de criação em um âmbito de características sistêmicas.

Nesse sentido, entende-se que a operação do pensamento sempre é um processo de individuação constituído na *relação com*. Esse processo está imerso nesse sistema metaestável. O que no caso diferenciaria uma estabilidade de uma metaestabilidade? Justamente a garantia da singularidade, pois trata-se de uma zona de indiscernibilidade e de potenciais de transformação. Isso se dá pois estamos diante de sistemas abertos, ou seja, que atingem um grau de estabilidade (continuidade) e também de transformação (descontinuidades) devido às possíveis relações que podem empreender. Portanto, nos processos de singularização a identidade não está dada devido ao seu caráter de resolução parcial e relativa (*Idem*, p. 101).

Se o meio e o artista estão em constante processo de criação e de trocas, não é possível afirmar uma constituição do sujeito fundada na identidade e na unidade da substância. Para Nils Udo o fundamento da arte que propõe é justamente a relação indivíduo-meio. Ambos, nesse processo, passam por resoluções parciais, pois a cada mudança de clima, de temperatura, da terra e das estações, seus trabalhos, e ele mesmo como indivíduo participante e incluso no meio, transformam-se. A obra e o artista, portanto, estão em devir, em contínuo processo de individuação:

“Tudo é perceptível através da participação dos sentidos humanos: o espaço natural experimentado através de ouvir, ver, cheirar, saborear e tocar. Por meio das menores intervenções possíveis, vivendo, o espaço natural tridimensional é reorganizado, desbloqueado e colocado sob tensão. Reorganização, é claro, que durará por um período de tempo finito. Um dia, a intervenção é apagada, desfeita pela natureza sem deixar rastro.” (UDO, 2015)

Nessa perspectiva, os organismos vivos iriam além de uma ação adaptativa ao ambiente, passando a transformar e problematizar tanto a si quanto ao meio em suas relações de simultaneidade.

III. Anish Kapoor e as esferas

Ao abordar a arte contemporânea torna-se importante refletir sobre a sua relação com a sociedade. De que modo ela problematiza as questões de um tempo partindo da criação de formas? Quais são as perspectivas de entendimento sobre uma época a partir de possíveis

respostas que a arte pode oferecer, ou até mesmo das problematizações que ela coloca em pauta?

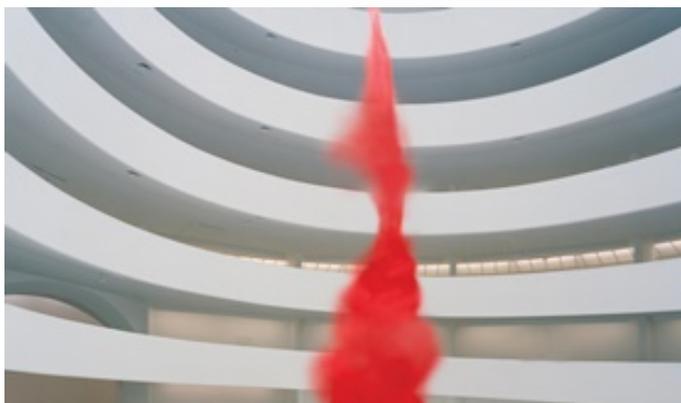
Nicolas Bourriaud (1965-) propõe um olhar sobre a arte contemporânea partindo da noção de estética relacional. Segundo o autor, ela se desenvolve em função de suas possibilidades de gerar formas que possibilitem a interação, modos de relação e convivência, assim como modelos perceptivos e experimentações que contam com a participação dos agentes envolvidos. Desta forma, as abordagens propostas nesses trabalhos implicam em composições formais singulares, uma vez que elas privilegiam o aspecto processual e a geração de modos de relações no mundo em detrimento de uma forma baseada em critérios de representação. Como afirma o autor, “hoje a prática artística aparece como um campo fértil de experimentações sociais, como um espaço parcialmente poupado à uniformização dos comportamentos.”⁶ (BOURRIAUD, 2009, p. 11).

Em linhas gerais, Bourriaud compreende a formalização de alguns trabalhos da arte contemporânea como potências que inauguram modos de existência e de ação em uma determinada realidade. Desse modo, elas seriam agentes micropolíticos, pois implicam em ações localizadas em detrimento de um grande projeto utópico de transformação social ao modo da evolução histórica fundada nas grandes ideologias. As obras, portanto, oferecem possibilidades de modos de existência, de reinvenção do cotidiano, de percepções diferenciadas da temporalidade em que “o artista habita as circunstâncias dadas pelo presente para transformar o contexto de sua vida (sua relação com o mundo sensível e conceitual) num universo duradouro.” (*Idem*, p.18).

As formas de sociabilidade geradas pela arte relacional emanam de sua própria composição, uma vez que ela ultrapassa a forma material para propor elementos de ligação entre seres ou até mesmo entre outras obras. Assim, “a essência da prática artística residiria na invenção de relações entre sujeitos; cada obra de arte particular seria a proposta de habitar um mundo em comum, enquanto o trabalho de casa artista comporia um feixe de relações com o mundo, que geraria outras relações, e assim por diante, até o infinito.” (*Ibidem*. p.23).

Além das obras de Nils Udo apresentarem esses aspectos relacionais como, Anish Kapoor também está inserido na arte contemporânea como uma artista que pensa na processualidade.

Figura 2: Anish Kapoor, *Ascension*



Fonte: site de Anish Kapoor. <http://anishkapoor.com>

Anish Kapoor (1954-), artista plástico indiano-britânico, criou a sua série de obras nomeadas *Ascension* utilizando materiais orgânicos, pigmentos e fumaça. No caso de Anish Kapoor, estamos diante de uma poética da materialidade e da *physis*. Suas formas recôncavas, vermelhas e aveludadas lembram as entranhas de um organismo. Matérias viscosas vermelhas galvanizadas no chão do espaço expositivo. Vastos espaços forrados de tecido sanguíneo lembram alvéolos ou cavidades orgânicas. Há também a delicadeza do trabalho com a luz, transparências e espelhos. São obras externas, esculturas, espelhos suspensos em hastes metálicas refletindo a paisagem ou o azul do céu.

A poética de Kapoor parece nos colocar constantemente em uma tensão entre a viscosidade dos organismos e da matéria bruta e as formas diáfanas de uma natureza aérea. Esse arco tensional cuja morfologia é predominantemente metabiológica enquadra-se perfeitamente no arco conceitual das esferologia de Peter Sloterdijk (1947-), notadamente nos polos de tensão e de convergência entre a microesferologia das bolhas e a pluriesferologia das espumas. Mas no que consiste essa morfologia? Quais são os seus fundamentos?

O enorme projeto da trilogia *Esferas* tem o intuito de reposicionar a ontologia no pensamento contemporâneo. Para tanto, Sloterdijk dialoga com diversas matrizes e ontologias ocidentais e orientais. Diferente das ontologias monovalentes – monistas e bivalentes-dualistas, o autor se dedicou em *Esferas* a criar uma nova modalidade de ser: o ser diádico. Essa estrutura diádica consiste em uma concepção de ser radicalmente relacional, ou seja, todos os eventos e entidades só existem, e apenas existem, em relação. Como diria Sloterdijk, a coexistência é anterior à existência (SLOTERDIJK, 2016, p.65.). Primeiro nos relacionamos, depois somos. O ser é concebido como uma categoria derivada da relação. Tendo isso em vista, quais seriam os polos dessa díade relacional?

Para Sloterdijk seriam de um ponto de vista ontológico o puro exterior e o puro interior. Produzir esferas é domesticar o exterior, é incorporar o puro exterior a uma interioridade ontológica. Toda dinâmica do bios e, por conseguinte, toda cultura, seguem essa dinâmica esferológica. Quanto mais intensas são as esferas de intimização, mais elas pertencem à microesferologia, ou seja, à morfologia das bolhas.

Os projetos expansionistas baseados em uma vasta dilatação das regiões anímicas são compreendidos por meio da morfologia dos globos; por fim, o colapso esferológico e a queda de imunologia dos globos geraram a modernidade e uma nova morfologia: a esferologia plural, ou seja, as espumas. Este projeto de Sloterdijk é predominantemente metabiológico, vale-se de padrões da biologia sistêmica para compreender processos de longa duração. Importante salientar que essas três morfologias (bolhas, globos e espumas) possuem uma ordem lógica e não cronológica. Ademais, são ontologias dos espaços habitados, dos mundos atuais e virtuais.

Tendo em vista esse panorama teórico, é possível estabelecer uma convergência entre o pensamento formal de Anish Kapoor e Sloterdijk. A morfologia das espumas pressupõe aquilo que Sloterdijk define como uma conquista das atmosferas. Além disso, ela é regida por um elemental: o ar. Em relação à microesferologia, todas as experiências fisiológicas, orgânicas e de proximidade lhe dizem respeito. Nesse sentido, é interessante vermos como o conceito de natureza, entendida como biomorfose, se materializa na obra de Kapoor. Temos desde matéria plástica que mimetiza sangue coagulado em vastas quantidades até a delicada conquista do espaço por meio de poeira vital. O jogo de espelhos e a refração da luz também são meios pelos quais Kapoor capta essa natureza processual e sutil. Paisagens movediças sobre lâmina de um espelho, reflexos do céu em estruturas de metal, a poeira em ascensão vermelha, branca ou dourada. Trata-se de uma concepção de escultura de base organicista.

IV. Conclusão

As trocas com o ambiente geram novas formas de entendimento do que podemos nomear como natureza. Acreditamos que essas transformações estão ligadas e podem ser definidas e redefinidas a partir de regimes de continuidade e descontinuidade da percepção. Além disso, noção de natureza centrada na superioridade do humano colabora para a hegemonia de um pensamento que abafa a noção de multiplicidade e singularidade. Uma atualização produtiva dessa concepção de natureza pode se dar a partir de uma análise da

continuidade e da descontinuidade da percepção. Ao admitirmos que a natureza é de caráter processual, torna-se possível afirmar que ela está em constante movimento, por isso também em transformação. Essa transformação se reflete no corpo, nos hábitos cognitivos, e promove novos arranjos e novas ontologias, capazes de demarcar de modo mais produtivo as posições e as composições de humanos e não-humanos entre si.

O corpo empreende trocas com o ambiente e ao afirmar que essas transformações se processam em rede, torna-se possível compreender, por meio de algumas propostas e dispositivos das artes, algumas dessas alterações pelas quais o corpo passa. Isso implica uma reconsideração do corpo, entendido como tecnologia que altera nossas concepções estabilizadas de natureza, isso porque não existe uma natureza dada. Existem espaços habitados e transformados mediante a interação com os corpos. As artes podem ser caminhos para compreender as diversas modulações existentes entre corpos, naturezas e meios. E o são justamente porque operam nas esferas emergentes mesma das naturezas, dos meios e dos corpos, ressignificando por meio de processos perceptivos, as singularidades e a heterogênesse dessas multiplicidades.

Referências

- BABHA, H. (2009). Anish Kapoor. Londres: Royal Academy Books.
- BATESON, G. (2000). Steps to an ecology of mind. Chicago: The University of Chicago Press.
- BOURRIAUD, N. (2009). Estética relacional. São Paulo: Martins Fontes.
- SIMONDON, G. (2003) A Gênese do indivíduo. In: Peter Pal Pelbart. O reencantamento do concreto. Cadernos de subjetividade. São Paulo: Hucitec.
- SLOTERDIJK, P. (2016). Esferas I: bolhas. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade.
- UDO, N. (2002). Art in nature. Londres: Flamarion.
- UEXKULL, J. (2010). A foray into the world of animals and humans. Minnessota: University of Minnessota Press.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. (2015) Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac & Naify.